

CORPO E PSIQUE NA FILOSOFIA DE SARTRE

BODY AND PSYCHE IN SARTRE'S PHILOSOPHY

JEAN COELHO

RESUMO: A noção de corpo já está presente nas discussões psicológicas dos primeiros escritos de Jean-Paul Sartre, mas ganha contornos mais nítidos em seu ensaio de ontologia fenomenológica, *O ser e o nada*, em um capítulo dedicado aos modos de ser corpóreos. Nesse capítulo o filósofo propõe uma concepção de corpo psíquico, a qual, ao mesmo tempo em que questiona a perspectiva clássica que opõe a corporeidade à consciência e à psique, permite fundamentar seus escritos de psicologia.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Psique, Ontologia, Psicologia, Jean-Paul Sartre

ABSTRACT: The notion of body is already present in the psychological discussions of Jean-Paul Sartre's early writings, but it gains clearer outlines in his essay on phenomenological ontology, *The Being and the Nothing*, in a chapter dedicated to the corporeal ways of being. In this chapter, the philosopher proposes a conception of the psychic body, which, while questioning the classical perspective that opposes corporeality to consciousness and the psyche, allows to base his writings on psychology.

KEYWORDS: Body, Psyche, Ontology, Psychology, Jean-Paul Sartre

INTRODUÇÃO

O corpo e a psique foram e continuam sendo noções interrelacionadas das mais diversas maneiras: distinções, aproximações ou hierarquizações são alguns dos movimentos reiterados pela filosofia e pelo senso comum. Jean-Paul Sartre aponta para uma íntima vinculação entre os termos através de uma concepção defendida em *O ser e o nada: o corpo psíquico*¹. A fim de explorar essa ideia, começaremos por elucidar aspectos gerais da psicologia sartreana e sua compreensão acerca da psique. Em seguida, abordaremos o corpo em seus níveis ontológicos, ou modos de ser, e a maneira como se articulam com a vida psíquica.

PSICOLOGIA E PSIQUE

Alguns pensadores franceses, do início do século XX, encontraram na então recente fenomenologia alemã, de expoentes como Edmund Husserl e Martin Heidegger, uma base filosófico-metodológica para um campo de estudos também emergente: a psicologia². Construir uma *psicologia fenomenológica* é o projeto que seduz e orienta Sartre em seus primeiros ensaios³: compreender o ego, a imaginação ou a emoção implica voltar-se a uma ideia fundamental, a intencionalidade, e contestar abordagens que reduzem a psique seja a um “interior” inacessível, seja a um conjunto de seres extensos (paralelismo psicofísico).

Em *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade* (1939)⁴ Sartre tece elogios à fenomenologia e à sua proposta de uma consciência intencional: toda consciência é de algo, como puro direcionar-se ao mundo ou explosão rumo aos objetos. Desse modo, “A consciência e o mundo são dados de uma só vez: por essência exterior à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela.” (Sartre, 2005, p. 56). Tanto as teorias idealistas quanto as realistas (em particular, aquelas de autores franceses como Meyerson, Bergson e Proust) mostram-se problemáticas: propõem uma espécie de “filosofia alimentar”, como se a consciência ingerisse os seres do mundo, ao modo de um interior que recebe algo externo e independente e, assim, o assimila.

Não obstante, essa interpretação acerca da intencionalidade também permite a Sartre, em *A transcendência do ego* (1936), criticar a própria teoria husserliana: o autor alemão, ao afirmar um eu consciente, acabaria por retificar e, conseqüentemente, negar a consciência. Na perspectiva sartreana, o ego corresponde a um objeto transcendente, “unidade de unidades transcendentais” (Sartre, 2003, p. 29), ou melhor, ao suporte de estados, ações e qualidades. Mais do que isso – e o que mais nos importa – é que, através do ego, Sartre pode

[...] distinguir o “psíquico” da consciência. O psíquico é o objeto transcendente da consciência reflexiva, e também o objeto da ciência chamada psicologia. O Ego aparece à reflexão como um objeto transcendente que realiza a síntese permanente do psíquico. O Ego está do lado do psíquico. (SARTRE, 2003, p. 33).

1 SARTRE, 2015, p. 424 e seg.

2 Cf. SCHNEIDER, 2011, p. 45-59.

3 *A transcendência do ego* (1936), *A imaginação* (1936), *Esboço para uma teoria das emoções* (1939), *O imaginário* (1940).

4 Publicado em 1939, mas provavelmente escrito anos antes. (COOREBYTER *apud* SARTRE, 2003, p. 9).

Assim, existe um *campo psíquico*, resultante da consciência reflexiva, e um *campo transcendental*, relativo à *consciência irrefletida* ou à *vivência*⁵. Este último fundamentaria o primeiro: um psicólogo lida com determinados objetos passivos e inertes (em oposição a algum tipo de realidade íntima e inacessível), mas que não se constituem por si mesmos; eles são oriundos das vivências ou, mais propriamente, do voltar-se da consciência a si mesma (enquanto vivência), objetificando-se. Por isso, uma “psicologia fenomenológica” constitui, antes, um projeto de fundamentação da psicologia.

Tentemos, contudo, entender a psique em mais detalhes. Ela volta a ser tematizada por Sartre em seu ensaio de ontologia fenomenológica, *O ser e o nada* (1943), reproduzindo, parecidos, a significação básica de *A transcendência*, porém, permeada por novos termos e maiores descrições.

É esta sombra do ser, correlato necessário e constante da reflexão impura, que os psicólogos estudam sob o nome de fato psíquico. [...] o que a ela [a reflexão impura] se revela não é a historicidade temporal e não substancial do refletido; é, Para-além desse refletido, a própria substancialidade das formas organizadas de fluência. A unidade desses seres virtuais denomina-se vida psíquica ou psique [...]. (SARTRE, 2015, p. 220-1).

Esta citação se encontra na Segunda Parte da obra, no capítulo “A temporalidade”. Logo em seguida, o filósofo esquematiza a “vida psíquica” em quatro pontos, que poderiam ser assim distinguidos, respectivamente: elementos, tipo de consciência, caráter e tempo. Embora, em grande medida, já estivessem explicitados em *A transcendência*, desfrutemos da forma esquemática e dos novos termos de *O ser e o nada* para melhor deslindá-los.

1º) É constituída pelo *ego* e suas *qualidades, estados e atos*. Os atos referem-se a unidades sintéticas de meios em relação a fins. A expressão “unidade sintética” remete a ações específicas que, através da reflexão, passam a formar um todo independente – o “treinamento”, a “pesquisa”, etc. (o treinamento de um atleta ou a pesquisa de um cientista ultrapassam o agir momentâneo). Similarmente, os estados (o ódio, a enfermidade, o exílio, etc.) são sínteses reflexivas que remetem a situações. Assim, a repulsa momentânea por alguém está na base do ódio. Entretanto, esse se estende no tempo, permanecendo atual mesmo que a ele não esteja voltado: sinto que odeio Pedro desde sempre, e não apenas agora, e que continuarei o odiando. As qualidades, por sua vez, são *potências*; isto é, unidades passivas e transcendentais atualizáveis pelos atos e estados. Enquanto tais, manifestam o caráter e os hábitos de uma pessoa – como sendo irascível, honesta, ou encontrando-se cansada, amargurada, por exemplo. Por fim, o *ego* também é unidade transcendente, polo de unificação das vivências, mas como totalidade das totalidades ou aquilo que reúne as qualidades, os estados e os atos. Manifesta o que se chama de “*pessoa*”. Em suma, essas unidades revelam a psique como ser em-si – noção ontológica que define os objetos do mundo, absolutamente positivos e idênticos.

2º) Resulta dos atos da consciência reflexiva, mais especificamente, da *consciência reflexiva impura* (ou *cúmplice*): esta se define por tomar o refletido como em-si, “*um esforço abortado do Para-si para ser outro permanecendo si mesmo*” (SARTRE, 2015, p. 220). O para-si é outra noção ontológica crucial: trata-se do modo de ser da consciência, um ser que é o que não é e não é o que é, contrapondo-se à identidade do ser em-si. Contudo, está fundamentalmente ligado a esse, já que a consciência é justamente em relação a um objeto, definida aqui como negatividade ou fissura no mundo. O psíquico não pode surgir da consciência irrefletida, voltada estritamente

5 Consciência posicional do mundo e não de si mesma: a consciência “destaca” ou “captura” um objeto específico, sem destacar a si mesma (ainda que não se possa dizer que ela seja “inconsciente” de si: ela é pré-reflexiva).

aos objetos do mundo e suas possibilidades, nem de uma consciência reflexiva pura, que capta o para-si refletido em sua realidade; antes (como já dito), remete a uma consciência reflexiva que ultrapassa o vivido ou o irrefletido tentando fazer-se objeto, mas que esbarra na impossibilidade, de princípio, de alcançar-se dessa forma.

3º) Seus objetos são virtuais (por não corresponderem estritamente ao para-si). Porém, não são abstratos, e sim *concretos e evidentes*. Podem ser postos em perspectivas e julgados ao modo de um ser opaco, denso e provável (o que se costuma fazer, por exemplo, com o amor).

4º) Surge como uma síntese do passado, do presente e do futuro, mas tendo o *passado* primazia sobre as demais dimensões. O presente e o porvir já estão dados (como no caso do ódio, mencionado acima: não remete somente ao instante, mas ao que se deu e continuará a se dar).

Contudo, Sartre não se limita a abordar a psique na Segunda Parte da obra. Na verdade, a grande novidade surge na Terceira Parte, intitulada “O para-outro”. Além dos modos de ser em-si e para-si, o filósofo aborda o ser-para-outro. Este corresponde estritamente ao para-si, mas com aspectos radicalmente diferentes: a consciência aparece agora a outras consciências. A presença do outro é precisamente o que efetiva a fuga do para-si em direção à objetivação, de um modo que jamais é possível a si mesmo. O *olhar* do outro constitui um *eu* para a consciência olhada, um eu que não posso alcançar, mas que o outro indica enquanto lhe sou objeto. Por outro lado, da mesma forma como me sinto coisa consciente para um sujeito consciente, também esse se transforma, em um momento subsequente, em objeto para mim, uma consciência-objeto no meio do mundo para um sujeito que sou.

Justamente aqui surge a problemática do *corpo*, a que devemos, portanto, nos voltar. Como afirma Souza: “A noção de psíquico será enriquecida [...] com o surgimento do problema do outro e o esclarecimento do ‘ser-para-outro’. O corpo será ‘o lugar’ do psíquico, e será através do corpo que o psíquico será ‘objeto-para-outro’” (SOUZA, 2009, p. 117).

OS MODOS DE SER DO CORPO

Em *Esboço para uma teoria das emoções* (1939), Sartre chega a bosquejar uma teoria da corporeidade; todavia, é somente em *O ser e o nada*, ao tratar a questão da alteridade que essa teoria vem de fato à tona. O autor distingue as experiências do corpo em três modos de ser ou níveis ontológicos, nesta ordem: *para-si* (ou *facticidade*), *para-outro*, e “*para-si-para-outro*”⁶. Logo no início da exposição, afirma:

O Para-si deve ser todo inteiro corpo e todo inteiro consciência: não poderia ser *unido* a um corpo. Similarmente, o ser-Para-outro é todo inteiro corpo; não há aqui ‘fenômenos psíquicos’ a serem *unidos* a um corpo; nada há *detrás* do corpo. Mas o corpo é todo inteiro ‘psíquico’. (SARTRE, 2015, p. 388).

A passagem sugere uma vinculação importante entre o corpo-para-outro e um corpo “todo inteiro ‘psíquico’”. O desenvolvimento do texto, entretanto, revela uma ligação entre o corpo e o psíquico em cada um dos modos de ser corpóreos. Tentemos explicitá-la.

6 O uso dos parênteses deve-se ao fato de Sartre não utilizar literalmente a expressão, embora ela permita representar suas formulações. Está presente em: DILLON, 1974; MORRIS, 2010.

Nas palavras do filósofo, o corpo como ser para-si representa “a consciência [que] *existe seu corpo*” (SARTRE, 2015, p. 416). O para-si, enquanto o modo de ser da consciência, é contingência: semelhantemente ao em-si, não é fundamento de seu próprio ser. É contingente que seja ao modo do ser-aí, da relação com o mundo, e que esta se dê apenas com estes objetos e não com outros. A isso Sartre denomina a *presença ao mundo* ou *facticidade* do para-si. Em resumo, significa que a consciência só existe enquanto corpo, na medida em que é a relação contingente com um conjunto de objetos, ponto de partida que permite a transcendência a um determinado mundo.

A dor nos olhos ao ler um livro, exemplifica o autor, não é nada mais do que os próprios olhos enquanto a consciência os existe. Eles não são aqui objetos no mundo, conhecíveis, mas a mera contingência das letras embaraçadas ou da dificuldade da leitura. Em outros termos, enquanto pura vivência do mundo, irrefletida, a consciência não posiciona o seu próprio corpo, não se volta a ele como objeto intencional.

No entanto, a reflexão pode transformar essa dor em *mal*, o que significa transcendê-la rumo a um objeto afetivo e psíquico, correlativo a um *corpo psíquico*. Assim, ela não mais pode ser identificada aos olhos, mas remete a um objeto padecido pela consciência, que tem o corpo como substrato ou matéria implícita e que torna esse mal algo “meu”. Com efeito, defende o filósofo,

[E]sse corpo psíquico, sendo a projeção, no plano do Em-si, da intracontextura da consciência, constitui a matéria implícita de todos os fenômenos da psique. [...] o corpo psíquico é *padecido* como contingência do ódio ou do amor, dos atos e das qualidades [...] Tal contingência representa, por isso, a tendência de cada objeto-psíquico, Para-além de sua coesão mágica, a dilacerar-se em exterioridade; representa, Para-além das relações mágicas que unem os objetos psíquicos entre si, a tendência de cada um deles a isolar-se em uma exterioridade de indiferença: é, portanto, como um espaço implícito subentendendo a duração melódica do psíquico. O corpo, enquanto matéria contingente e indiferente de todos os nossos acontecimentos psíquicos, determina um *espaço psíquico*. Tal espaço não tem cima nem baixo, direita nem esquerda; é ainda sem partes [...] Nem por isso deixa de ser uma característica real da *psique*: não que a psique esteja *unida* a um corpo, mas sim que, sob sua organização melódica, o corpo é sua substância e sua perpétua condição de possibilidade. (SARTRE, 2015, p. 425).

A consciência reflexiva dá ao corpo um plano de existência novo: ele já não é identificado à consciência, mas à psique. Não se trata aqui ainda de uma estrutura cognoscível, mas de um objeto de tipo afetivo, ou seja, o corpo psíquico é o espaço que confere aos fenômenos exterioridade (de tipo não físico) e, desse modo, sua condição de possibilidade e substância.

O segundo modo de ser é o corpo-para-outro: trata-se exatamente do para-si tornado objeto pelo outro; é o objeto que sou percebido e utilizado pelo outro (ou como vejo e utilizo o outro). Somente então a corporeidade assume uma forma explícita e cognoscível. Nas palavras de Sartre: “[...] o corpo do Outro é o Outro mesmo como transcendência-instrumento”, que “apenas devido ao fato de minha alteridade, [...] aparece como um *isto* conhecido e dado no meio do mundo.” (SARTRE, 2015, p. 431).

Portanto, o corpo do outro é *significante e significado*. É a facticidade ou contingência do outro – enquanto contingente relação com determinados objetos e contingente surgimento para mim como objeto entre outros objetos –, mas também transcendência-objeto – as possibilidades do outro são coaguladas na forma de movimentos objetivos em direção a outros seres. Por conseguinte, suas significações não se referem a um “psiquismo escondido”, para-além deste

corpo.

Não podemos sair disso: o “objeto psíquico” está inteiramente entregue à percepção e é inconcebível fora das estruturas corporais. Se até hoje não se levou isso em consideração, ou se aqueles que o sustentaram, como os behavioristas, não compreenderam muito bem o que queriam dizer e causaram escândalo, é porque acreditou-se que todas as percepções são do mesmo tipo. De fato, a percepção deve entregar-nos imediatamente o objeto espaço-temporal. Sua estrutura fundamental é a negação interna, e me entrega o objeto *tal como é*, não como uma imagem vã de alguma realidade fora de alcance. Mas, precisamente por isso, a cada tipo de realidade corresponde uma nova estrutura de percepção. O corpo é o objeto psíquico por excelência, *o único objeto psíquico*. Mas, se considerarmos que o corpo é transcendência-transcendida, sua percepção não poderia, *por natureza*, ser do mesmo tipo da percepção dos objetos inanimados. (SARTRE, 2015, p. 436).

O que o autor propõe aqui é uma total identificação entre psique e corpo – o corpo é “o *único objeto psíquico*”. Para tanto, é necessário distinguir a percepção do corpo daquela dos seres inanimados, o que outros psicólogos, como os behavioristas, negligenciaram. O sentido da percepção corpórea é parte de seu próprio ser: por isso, o rubor do rosto ou o punho cerrado de uma pessoa não apenas *expressam* sua ira, mas *são* sua ira. São, porém, porque estão envolvidos em uma situação específica, em um ato de significação ou vivência intencional. De outro modo, remeteriam a um objeto qualquer do mundo, sem vinculação com outros objetos, ou melhor, a um ser morto, a um *cadáver*.

Por fim, Sartre explora a terceira dimensão do corpo, referente à relação originária com o outro: existo para mim enquanto corpo conhecido pelo outro. Define o autor: “[...] na medida que sou consciente de existir para o Outro, capto minha própria facticidade, não mais apenas em sua nadificação não tética, não mais somente *existindo-a*, mas em sua fuga rumo a um ser-no-meio-do-mundo.” (SARTRE, 2015, p. 441). Sou um eu-objeto acessado pelo outro, cuja contingência é multiplicada infinitamente e me surge como alienada. Isso é experimentado por afetos como a timidez: diante da impossibilidade de captar-me tal qual sou captado, busco tornar-me invisível, suprimir meu ser-para-outro.

Nesse nível, torna-se possível a relação analógica entre meu corpo e o corpo-para-outro. Por meio da linguagem, o outro representa aquele que permite “ver-nos como somos” (SARTRE, 2015, p. 444,). Contudo, para que os conhecimentos do outro, dados nos signos linguísticos, possam me definir, é preciso que meu corpo já tenha se apresentado a mim como objeto (ou melhor, quase-objeto) através da reflexão cúmplice. Em outros termos, é necessário recorrer ao corpo psíquico como objeto afetivo.

As estruturas cognoscíveis de nosso corpo psíquico, portanto, indicam simplesmente e no vazio sua perpétua alienação. Em vez de viver esta alienação, constituímo-la no vazio, transcendendo a facticidade vivida rumo ao quase-objeto que é o corpo-psíquico, e novamente transcendendo esse quase-objeto padecido rumo a caracteres de ser que, por princípio, não poderiam ser dados a mim e são simplesmente significados. (SARTRE, 2015, p. 445).

O que o autor relata é uma tentativa de equiparar os corpos psíquicos afetivo e cognoscível. Por exemplo, o Mal, objeto padecido, pode se transformar em objeto que conheço por meio dos conceitos fornecidos pelo outro. Assim o estômago que dói se revela um órgão definido (é um saco, que produz determinado suco, etc.) e sob um novo estado: a *enfermidade*. O que possibilita,

entretanto, dizer que eu conheço meu órgão enfermo se as categorias não são fornecidas pelo outro? Justamente por ser o corpo padecido sua matéria ou substrato, tal como em relação ao mal. Mais uma vez, o corpo é a própria psique.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese que propomos é que as formulações sobre o psíquico e o corpo na filosofia de Sartre se complementam. Assim como a consciência existe, seu corpo ou o corpo é a consciência, o “corpo psíquico” corresponde à psique, seja como objeto padecido, seja como objeto conhecido (como sua substância ou matéria, ou transcendência-objeto). Esse corpo-psique, por sua vez, é ser transcendente fundamentado no corpo-consciência, enquanto vivência ou para-si irrefletido.

Desse modo, em *O ser e o nada*, Sartre estabelece uma alternativa à enraizada perspectiva dualista, que separa o corpo da consciência e da psique, ao mesmo tempo em que permite uma compreensão aprofundada de seus primeiros ensaios, de psicologia fenomenológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DILLON, M. C. Sartre on the phenomenal body and Merleau-ponty's critique. *Journal of the British Society for Phenomenology*, v. 5, n. 2, p. 144-158, 1974.

MORRIS, K.J. (Ed.). *Sartre on the Body*. Londres: Palgrave Macmillan, 2010.

SARTRE, J-P. *A imaginação*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes: Nova Cultural, 1987.

_____. *A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Esboço para uma teoria das emoções*. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. *La transcendance de l'ego et autres textes phénoménologiques*. Introdução e notas: V. Coorebyter. Paris: Vrin, 2003.

_____. *O imaginário*. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. In: *Situações*, I. Tradução de Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 55-57.

SCHNEIDER, D. R. *Sartre e a psicologia clínica*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

SOUZA, L. H. de. *O estatuto da reflexão em Sartre*. 160 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.